



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS



CINEMA

Três filmes inéditos no cinema chegam em DVD

Por: Fábio Freire



Noir pré-fabricado



Se tivesse sido lançado nos anos 1940, *O Segredo de Berlim* seria um clássico do cinema noir e dos filmes de espionagem. Como é uma produção recente, o longa-metragem foi lançado diretamente em DVD e não passa de uma "homenagem" preguiçosa e pretensiosa a *Casablanca*. A trama é um misto de suspense, com pitadas de política e um toque de romance que se passa na Alemanha pós-Segunda Guerra. Tudo jogado sem muito critério pelo diretor Steven Soderbergh, cineasta que um dia já foi interessante, mas que hoje se reveza entre rir com a série *Onze Homens e Um Segredo* e realizar filmes "cabeça" e chatos: *Full Frontal*, *Solaris* etc.

O Segredo de Berlim é aquele típico filme que tinha tudo para ser bom, mas simplesmente não é. Culpa de uma trama confusa, cheia de reviravoltas cansativas e que ficam perdidas em meio ao esmero estético pré-fabricado da produção. A impressão é que Soderbergh estava preocupado demais com a fotografia cheia de estilo que mistura cenas filmadas com imagens da época, com a direção de arte e figurinos impecáveis e mesmo com a montagem que remete aos longas antigos.

Nem mesmo o elenco segura as pontas soltas do roteiro. Nomes que chamam a atenção pelo talento, como Cate Blanchett e George Clooney (esse com a maior cara de "quero ser o novo Humphrey Bogard"), são mal aproveitados e não estão muito a vontade em seus papéis. Mas a situação pior é a do não tão talentoso assim Tobey Maguire, que interpreta um personagem ingrato e que só reforça as limitações do ator.

O Segredo de Berlim fica então no meio do caminho entre homenagem e pastiche aos filmes noir. Roteiro cheio de furos, direção cambaleante e atuações desleixadas minam toda e qualquer intenção da produção ser um novo *Casablanca*. O filme está mais para o também equivocado *A Dália Negra*, de Brian De Palma.



Dias entediantes



O grande mérito de *Últimos Dias* é não ser uma cinebiografia convencional sobre mais um astro do rock. A intenção do diretor Gus Van Sant ao realizar o filme não é se debruçar sobre a causa ou motivo da morte de Kurt Cobain, líder do Nirvana que se matou em

ATUALIZAÇÕES

17/06 Van Damme, a redenção [JCVD]

17/06 Katie Melua [Katie Melua - The Katie Melua Collection]

28/05 Canto de casa para todos os pretos [Livia Lucas - Canto de Casa]

28/05 Da Lama ao Caos. [Chico Science & Nação Zumbi - Da Lama ao Caos]

17/04 Meio que tardio [Guns and Roses - Chinese Democracy]

DO MESMO AUTOR

Sonhos de celofane
[Sonhando Acordado]

O caos de uma balzaquiana
[Alanis Morissette - So-Called Caos]

Minha vida sem mim [O Sol de Cada Manhã]

Tom Cruise para adultos
[Colateral]

Dor de cotovelo desrotulada
[Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças]

LEIA TAMBÉM

26/03/2008 Bob Dylan no cinema e em DVDs [Não Estou Lá e DVDs]



...cobain, mas de qualquer forma que se mistou em 1993. Muito menos ser um estudo revelador sobre a personalidade do roqueiro. O objetivo é apenas apresentar imagens contemplativas do cantor/compositor antes da sua morte. Mas é daí?

A estrutura narrativa é semelhante aos longas anteriores do diretor, *Gerry* e *Elefante*, ou seja, nada realmente acontece e a câmera passeia como observadora pelos ambientes. A ação dá lugar à contemplação, a poesia visual sobrepõe-se à narrativa. Mas se nos trabalhos anteriores o recurso funcionava, reforçando a tensão pelo que estava prestes a acontecer, em *Últimos Dias* só acentua o vazio da trama e as falhas do projeto.

As personagens mal são personagens e mais parecem arremedos de pessoas perdidas sem saber muito bem o porquê. Blake, nome usado para desviar a atenção do público, já que os acontecimentos são fictícios e apenas inspirados pelos fatos reais, mais parece um homem das cavernas, andando e grunhindo de um lado para outro sem muita razão de ser. Michael Pitt, apesar da semelhança física e dos trejeitos, tem muito pouco a fazer. A frieza com que tudo é conduzido também incomoda e quando o final chega com cara de anticlímax, o espectador respira aliviado.

Se os últimos dias de Kurt Cobain foram tão entediantes quanto o retrato pintado por Gus Van Sant, o roqueiro tinha motivos de sobra para estourar os miolos. Enquanto projeto estético com belas imagens e que segue um estilo bastante peculiar, *Últimos Dias* termina quase como um não-filme, um exercício experimental com muita coisa a mostrar em termos de plasticidade, mas sem quase nada para dizer enquanto cinema.



Família disfuncional

De família desajustadas o inferno cinematográfico está cheio. Vira e mexa temos mais um exemplar a la *Pequena Miss Sunshine*. *Correndo com Tesouras* segue exatamente a cartilha da fórmula: personagens esquisitos, porém absolutamente normais; e grande elenco dando a cara para bater em situações no mínimo bizarras e constrangedoras. Mas apesar dos elementos característicos dessa espécie de subgênero, o longa-metragem fica no meio termo entre o irregular *A Estranha Família de Igby* e o ótimo *Os Excêntricos Tenenbaums*.



Correndo com Tesouras é inspirado na autobiografia de Augusten Burroughs, garoto que vive em função dos devaneios da mãe esquizofrênica que sonha em ser famosa como poetiza. Frustrada com o descaso do marido e com a falta de sucesso, Deirdre (Annette Bening) procura um terapeuta nada convencional e entrega seu filho a ele. O filme gira em torno, então, de como Augusten tenta sobreviver cercado de pessoas que fogem dos padrões normais de comportamento: o terapeuta e seus métodos pouco éticos, sua mulher quase catatônica e suas duas filhas desequilibradas, além da mãe que volta e meia aparece nos piores momentos.

Apesar de certa empatia do público com as personagens, graças ao elenco competente que segura as pontas, *Correndo com Tesouras* peca pela falta de um foco mais preciso. A direção imatura de Ryan Murphy, também roteirista do filme, não se decide entre o drama e a comédia e a dinâmica e o ritmo do longa acabam prejudicados por essa indecisão. Murphy tem até talento para a direção, característica visível na composição de belas cenas e na inserção da trilha sonora na hora certa. Mas fica claro que o diretor não sabe muito bem o que fazer com tantas personagens interessantes pedindo por atenção.

No entanto, o maior problema de *Correndo com Tesouras* é o fato do longa ser visivelmente um filme de ator. E o elenco realmente segura as pontas. Annette Bening está no limiar da caricatura, mas se sai bem como a conturbada Deirdre. Além disso, o filme tem uma direção muito boa e uma trilha sonora ótima.

Deirdre, típica personagem que desperta ódio e pena ao mesmo tempo. Brian Cox, Joseph Fiennes, Jill Clayburgh, Evan Rachel Wood e Alec Baldwin, mesmo em papéis pequenos, mostram serviço. Mas o maior destaque, juntamente com Joseph Cross, novato que interpreta o protagonista, é mesmo Gwyneth Paltrow como a filha religiosa e um tantinho pirada do terapeuta de Deirdre. A atriz até repete os trejeitos da sua personagem em *Os Excêntricos Tenenbaums*, mas é evidente que ela se sai bem melhor como coadjuvante (e sua personagem merecia mais destaque no longa) do que quando está no centro dos holofotes.

Se *Correndo com Tesouras* não chega a ser um programa totalmente satisfatório, pelo menos cumpre com sua função enquanto "dramédia", diverte em alguns momentos e emociona em outros. E por mais que, em alguns momentos, pareça um pouco longo demais, essa ausência de dinâmica é compensada pelo entrosamento perfeito do elenco.



14/10/2007

[Voltar](#)

Comentário dos leitores:

Nenhum comentário foi feito, seja o primeiro a comentar.

>> [Clique aqui para enviar seu comentário!](#)